

**1) O que deseja aprender para ser profissional que incorpora as dimensões socioambiental, política, legislativa e educadora no seu fazer cotidiano.**

Acredito que para me tornar uma profissional que incorpora tais dimensões que são importantes e também inerentes, independente de qual caminho seguirei (bióloga ou professora), necessito de um arcabouço teórico mais conciso e uma maior vivência com casos reais.

Sinto que preciso ler mais materiais de teóricos como Paulo Freire, Moacir Gadotti, Henry David Thoreau, Carl Sagan, Florestan Fernandes, Leonardo Boff, e também entrar em contato com outros tantos.

Quero aprender cada vez mais a abstrair e refletir sobre o máximo de conceitos, ideias e ideais, principalmente no âmbito ambiental e educacional para otimizar minha compreensão tanto do assunto quanto do mundo ao meu redor. Quero ter contato com novos conceitos, métodos de ensino, linhas de pensamento, leis ambientais, políticas públicas que envolvam o meio ambiente, educação e educação ambiental. E principalmente, quero aprender a ensinar e aplicar conceitos que envolvam a inerente e interdependente relação ser humano-meio ambiente.

Gostaria de vivenciar práticas de ensino construtivistas e participativas que integrem a educação ambiental, além de práticas socioambientais como um todo, seja em escolas, debates, vídeos, filmes, televisão.

Também gostaria de aprender mais sobre buscar fontes confiáveis de informações, principalmente relativas a políticas e legislação para me conectar mais e mais com a realidade que, de fato, é dura, fria e permeada pelo capitalismo voraz, mas que também deve ser encarada, compreendida (uma tarefa nada fácil), para só depois, talvez, ser modificada.

Quero, assim, construir-me/reconstruir-me rumo a uma pessoa com os pés na realidade, mas sempre com a esperança no coração; com a teoria em mente e participação na humanização das relações entre as pessoas.

Quero levar a frase de Thoreau ao máximo:

“Eu fui à Floresta porque queria viver livre. Eu queria viver profundamente, e sugar a própria essência da vida... expurgar tudo o que não fosse vida; e não, ao morrer, descobrir que não havia vivido.”

Assim como as palavras cantadas por Belchior:

“Amar e mudar as coisas/Me interessa mais”.

**2) Utopia que o/a anima, dialogando com referenciais teórico-conceituais que a fundamentam e com a sua análise de conjuntura e reflexões sobre a contemporaneidade.**

Creio que o termo utopia é algo vasto e que dentro de um ser só cabem muitas e muitas delas. Acredito que algumas utopias minhas se encontram simbolizadas e explicitadas em um poema de minha autoria que transcrevo abaixo.

“O mar veio me dizer que eu tinha que continuar a sonhar  
Eu muito distraída não consegui escutar.  
Os passarinhos cantando bem cedo também repetiam a mensagem  
Eu como gostava do canto, só apreciava a sonoridade.  
O vento que batia nas árvores a tardinha procura falar comigo  
E eu, sempre preocupada com mil e uma coisas, acabava não percebendo sentido.  
Mas e o sentido, será que me tem? Será que me invade, me domina?  
Porque com tanta racionalidade no mundo, os sentidos quase sempre se limitam; (me limitam).  
Se limitam apenas aos olhos e não ao coração.  
Se limitam ao literal e não a interpretação.  
Eu quero mesmo que os sentidos e sentimentos sempre me invadam, sem pedir licença, na voracidade mesmo.  
Quero sentir a chuva, o vento, o calor da manhã.  
Quero sentir o pensamento, o otimismo, o realismo e o cheirinho de hortelã.  
Quero sentir sentimentos em mim, nas pessoas, no mundo. Não esquecendo tanto da tal racionalidade, eu juro.  
Mas é que a racionalidade sozinha é como um pão de ló sem recheio: até que é bom, mas precisa de algo no meio.  
Eu quero o bolo completo. Afinal, bolo bom é bolo recheado.  
Mas e você, prefere o que?”.

De modo geral, minha utopia dialoga entre dosar racionalidade com a humanização das relações. Sendo o termo humanizar no sentido de:

“(...) afirmar o humano na ação e isso significa cuidado porque só o ser humano é capaz de cuidar no sentido integral, ou seja, de forma natural e, ao mesmo tempo, consciente, conjugando desta forma os componentes racionais e sensíveis”.

Waldow & Borges

Dialogando também com o conceito da Pedagogia da Terra que Moacir Gadotti define como:

“(...) pedagogia cheia de esperança, onde afloram os valores humanos fundamentais: a amizade, o respeito, a honestidade, a admiração, a ternura, a emoção, a solidariedade, a aproximação entre o simples e o complexo, a atenção, a leveza, o carinho, o desejo e o amor”.

Ambas as conexões utópicas citadas vão de choque com a atual conjuntura brasileira. O otimismo e a humanização estão sendo veemente trucidados nesta época sombria em que nos encontramos. E isso me amedronta profundamente. O governo ilegítimo que está no poder, as eleições pouco animadoras por vir, cortes na pesquisa, reforma na previdência, polarização dentro da sociedade como um todo, esmagam tais conexões utópicas. Será um desafio vivenciar esse período histórico. Só não podemos cessar a esperança dentro de cada um que acredita que um país melhor há de imergir.